



TEMPO E POLÍTICA: ERNEST LAVISSE VISITA O REICHSTAG

RILTON FERREIRA BORGES*

Nesta comunicação vamos tratar das relações entre tempo e política no contexto europeu do último terço do século XIX. Segundo Norbert Elias, o tempo tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações (ELIAS, 1998: 17). Entre estas relações, estão as de caráter político. Ainda segundo Elias, “o que chamamos 'tempo' nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda de relógios ou calendários” (ELIAS, 1988: 84). Além disso, como destaca Stephen Kern, “como categorias filosóficas básicas, tempo e espaço são particularmente adequadas enquanto estruturas para uma história geral da cultura porque são compreensíveis, universais e essenciais” (KERN, 2003: 2). Reis, religiões, modelos políticos e exércitos não são universais, já o tempo e o espaço sim, pois toda experiência humana se dá nestas duas dimensões (KERN, 2003: 4). Por este motivo, propomos um olhar para a política do final do século XIX, na Europa, através do prisma da temporalidade.

Como fonte vamos utilizar o artigo escrito por Ernest Lavissee, “*Une visite au Parlement d’Allemagne*” (Uma visita ao parlamento da Alemanha), originalmente publicado em 1877 na *Revue des Deux Mondes* e posteriormente reeditado numa coletânea organizada pelo próprio Lavissee e publicada em 1888 sob o título de *Essais sur l’Allemagne Impériale* (Ensaio sobre a Alemanha Imperial), reunindo artigos deste autor publicados nesta revista. Neste artigo Lavissee tenta mostrar o parlamento alemão (*Reichstag*) da forma mais completa possível, descrevendo a arquitetura, os partidos políticos, os membros do parlamento e sua forma de se comportar nas sessões. O autor destaca que o local que então ocupava o *Reichstag* fora uma oficina de cerâmica adaptada para a nova função.

Lavissee começa com uma descrição do lugar. Segundo o autor “um arquiteto que constrói a sala de estar de um parlamento faz política” (LAVISSEE, 1888: 101). Neste exercício, o autor usa uma das poucas comparações com a França presentes neste artigo (ao contrário do que acontece em outros artigos da coletânea, em que as comparações ocupam bastante espaço), descrevendo a divisão de poderes que a arquitetura do parlamento francês sugere: no Segundo Império, os representantes do poder executivo ocupavam um lugar de destaque; na Terceira República, o destaque passou a ser dado ao poder legislativo, pois os ministros passaram a

* Doutorando pela PUC-SP, professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e bolsista CAPES.

ocupar a primeira fileira, que ficava abaixo do parlamentar que discursa quando toma a tribuna (LAVISSE, 1888: 100).

Em seguida, diferencia o *Bundesrath*, composto por membros que recebem o cargo de forma hereditária, que representam os príncipes dos estados alemães, mas não são nomeados pelo Imperador, o que tornaria esta câmara diferente da câmara dos *lords* inglesa, por exemplo, e o *Reichstag* propriamente dito, eleito por sufrágio universal. Cada um ocupa uma sala diferente no parlamento (LAVISSE, 1888: 102). Esta divisão atestaria um misto de passado (*Bundesrath* fazendo referência ao conselho de príncipes alemães do passado) e nação moderna (*Reichstag* com deputados eleitos democraticamente). Aqui já temos algumas indicações de como Lavissee pensa a temporalidade: se no parlamento alemão passado e modernidade convivem, não haveria uma ruptura radical entre as diferentes épocas; logo, a política alemã estaria numa espécie de transição entre o antigo e o moderno. Ainda segundo Lavissee, o *Bundesrath* e o *Reichstag* seriam dois grupos de origens diferentes, interesses muito diversos e relações difíceis. Podemos entender que o antigo e o moderno, no parlamento alemão, travariam uma disputa, e desta disputa resultaria a política alemã.

Neste ponto podemos notar, na escrita de Lavissee, alguns elementos que constituíam as discussões sobre a natureza do tempo em sua época: por um lado, as disputas políticas movendo a história, que nos remetem às trocas de calor da termodinâmica; por outro lado, as antigas formas de fazer política disputando com as novas nos levam a pensar em termos de evolução e seleção natural. Sabendo-se que Lavissee é um republicano convicto, podemos supor que, para ele, a democracia republicana francesa está em um estágio mais avançado do que o império alemão de então, sendo, portanto, superior.

Outra característica que diferencia o parlamento alemão de outros parlamentos europeus está em seu papel: na Inglaterra, *lords* e comuns, na França, senadores e deputados, dividem o governo e se encontram com o ministério para tomar decisões; mas no império alemão, segundo Lavissee, não há ministros, ou melhor, o chanceler é sozinho todo o ministério (LAVISSE, 1888: 102). Além disso, *Bundesrath* e *Reichstag* disputam entre si o parco domínio legislativo que a constituição lhes reserva. Seu principal poder é incomodar e frustrar um ao outro (LAVISSE, 1888: 102). Aqui Lavissee dá uma pista de que há uma terceira força na política alemã que interage com as duas câmaras do parlamento e interfere nos caminhos da política, mas só vai citá-la mais tarde. O autor cita que um artista teria representado o

parlamento alemão como dois cavalos puxando a carruagem do Estado; Lavissee, por sua vez, prefere a imagem de um pórtico em que dois leões de barro se encaram de mal humor (LAVISSEE, 1888: 102).

Segundo Lavissee, o arquiteto que transformou a manufatura de porcelana em parlamento compreendeu bem os dados que a política alemã lhe forneceu (LAVISSEE, 1888: 102). No *Bundesrath* construiu, no nível da cadeira presidencial, um balcão que domina toda a sala para abrigar seus delegados. Assim, os representantes dos príncipes olham de cima os representantes do povo, representando sua maior dignidade. Por sua vez, "a arquitetura da sala do *Reichstag* é uma primeira lição de direito constitucional" (LAVISSEE, 1888: 103). Nela o presidente fica em pé, ao fundo, recebendo cada um dos deputados, como de costume entre os presidentes. O povo observa cada um tomar seu acento.

Em seguida, Lavissee parte para a descrição dos partidos políticos que ocupam o parlamento e se entusiasma com o fato de haver oito grupos diferentes no primeiro *Reichstag* (LAVISSEE, 1888: 103). O primeiro grupo que descreve são os *Wilden* ("selvagens"), ou "jovens índios", que são os parlamentares sem partidos, ocupam cerca de vinte cadeiras e se espalham por todo o parlamento. Para Lavissee a militância sem partido é um "sonho generoso", mas ao mesmo tempo testemunha certa juventude da vida parlamentar alemã, pois entende que seria inviável a longo prazo manter um grupo tão grande de deputados que não se filiam a nenhum partido (LAVISSEE, 1888: 103). Entre os "selvagens" há dois representantes dos democratas-socialistas, mas que por serem os únicos de seu grupo político a serem eleitos, decidiram aderir à "selvageria" (LAVISSEE, 1888: 104).

Os progressistas são os mais "vermelhos" (que é como Lavissee se refere à esquerda), ocupam o primeiro conjunto de cadeiras à esquerda e um pouco do segundo. São cerca de 40. Têm profissões diversas, mas contam com muitos professores e juristas. Muitos são veteranos da política alemã, participaram das insurreições de 1848 e 1849, outros tantos foram presos e exilados. A idade e os acontecimentos os acalmaram (Lavissee entende que o radicalismo destes arrefeceu com o tempo). Apesar de sua posição à esquerda, a unificação agrada a seus instintos patrióticos, por isso não fazem oposição à forma que o império tomou (LAVISSEE, 1888: 104). Desta forma, tiveram que fazer concessões a Bismarck e aceitar o império e a dinastia. Apenas um deputado entre os progressistas é republicano, e por isso Lavissee o considera mais próximo dos "selvagens" (LAVISSEE, 1888: 105). Os progressistas se veem como semelhantes aos

políticos que na Inglaterra fazem oposição à Rainha, mas não à monarquia. Defendem as liberdades parlamentares, aceitam o militarismo mas tentam impor limites a ele (LAVISSE, 1888: 105). LAVISSE acredita que, no parlamento alemão, a esquerda se preocupa mais do que todas as outras “cores políticas” com questões sociais.

O partido nacional-liberal tem cerca de 120 membros e é o maior no parlamento. Ocupa o segundo grupo de cadeiras da esquerda e o centro e tem membros de todas as profissões (LAVISSE, 1888: 106). Um de seus líderes é chamado de israelita, apesar de ser de uma família tradicional alemã, como observa Lavisse. Neste ponto, o autor faz considerações sobre o antisemitismo na política alemã, e o encontra em diferentes cores políticas, mas destaca a fala de um conservador alemão, que vê em Lassalle, político chamado de “judeu”, aquele que destruirá a nação tradicional alemã, por não compreender sua tradição, seu significado, por ser estrangeiro e republicano. Aqui Lavisse observa o problema que aqueles considerados estrangeiros representam para os conservadores alemães na formação do império (LAVISSE, 1888: 107).

Aos nacional-liberais Bismarck oferece a guerra contra a Igreja; mas a Igreja tem seus defensores na Fração do Centro. Este grupo ocupa as cadeiras do centro e tem cerca de 70 membros, com aspecto muito diferente dos da esquerda, sendo homens bem vestidos, com títulos e posses. Para suplantar a inferioridade numérica, usam seus ótimos oradores. Dr. Reichensperger, uma de suas figuras mais proeminentes, representa perfeitamente o católico liberal. Para Lavisse, este político lembra muito o presidente da câmara francesa de então (LAVISSE, 1888: 109). Esta fração do centro recebe a ira de Bismarck, dos nacional-liberais e dos progressistas. Por serem católicos, são acusados de traição por quererem submeter a Alemanha ao Papa, acabando com sua soberania nacional, limitando progressos científicos e a liberdade religiosa (LAVISSE, 1888: 110). Para Lavisse eles não são traidores, apenas são contra o império da forma que Bismarck montou; eles não seriam hostis à França, por exemplo (LAVISSE, 1888: 110).

De acordo com Lavisse, as questões religiosas na Alemanha são mais graves do que em outros lugares devido à rivalidade entre as diferentes confissões. A vitória do protestantismo e as declarações dos pregadores oficiais do rei Guilherme sobre o triunfo do evangelismo aumentaram ainda mais o ardor desse sentimento. Historicamente, na Alemanha, a política e a religião estão envolvidas. Os príncipes conquistaram sua independência nos séculos XVI e

XVII lutando pela Reforma. Hoje, o catolicismo, deixado em minoria desde o início do processo de unificação, confunde sua causa com a dos príncipes despojados ou ameaçados. Por isso, defende que o poder do imperador seja reduzido ao estritamente necessário. O protestantismo fora vencido com a ajuda da França no século XVII, mas esta não seria mais uma aliada no século XIX porque o patriotismo alemão não admite compromissos com o estrangeiro. Por isso, aqueles que Lavissee chama de “fanáticos obscuros e imprudentes que redigem os jornais populares da Baviera” celebraram a jornada parlamentar francesa que reconheceu a cessão da Alsácia-Lorena ao império alemão como uma vitória (LAVISSE, 1888: 111).

O partido do centro seria o único a fazer uma oposição séria, todos os outros estariam acomodados, dos progressistas da esquerda às diferentes frações da direita (LAVISSE, 1888: 111). Já os partidos da direita seriam difíceis de distinguir: o Partido Liberal do Império, composto por trinta membros, e o Partido do Império, composto por um pouco mais, teriam plataformas muito parecidas. Como o nome indica, ambos aceitavam a unidade sob o formato de então, mas com sentimentos um pouco diferentes (LAVISSE, 1888: 112).

O Partido Liberal do Império era majoritariamente composto por Bávaros, entre os quais havia políticos proeminentes e já acostumados com a vida parlamentar nos Estados do Sul, por isso eram bem votados. Já o Partido do Império era mais rejeitado. Dos 37 membros, 7 tinham título de príncipe, 11 de conde, 4 de barão, 8 nobres; apenas 7 eram plebeus. É natural que se defendessem do liberalismo moderno. Por serem todos prussianos, estavam ligados ao Império fundado pelos Hohenzollern, mas tinham um olhar inquieto sobre o chanceler aventureiro que se comprometeu com os "revolucionários", que é como consideram os progressistas e nacional-liberais (LAVISSE, 1888: 112).

Essa inquietude é ainda maior no Partido Conservador. Esta contava com pouco mais de 50 membros, sendo apenas quatro plebeus. O mais notável é que 49 destes eram prussianos e deputados das províncias mais antigas da monarquia. Um partido feudal, segundo Lavissee, que defende as velhas corporações contra a liberdade de industrial, privilégios contra a igualdade, o rei contra a Constituição, que chamam de “esta folha de papel”. Respeitam e aceitam como legítima a autoridade da Áustria na Confederação. Moltke, importante general prussiano que liderou tropas durante a unificação, é o presidente de honra dos conservadores. Eles se submetem à vontade do rei, mas pregam a manutenção dos costumes prussianos (LAVISSE, 1888: 113).

Os Poloneses formam o último grupo descrito por Lavissee: são 13, em guerra com o Império e não pedem a palavra senão para protestar. Se tornaram alemães por conta das anexações. "Efeito bizarro da vitória do partido nacional!": Austríacos foram excluídos da pátria, mas poloneses e dinamarqueses foram introduzidos (LAVISSEE, 1888: 114). Lavissee nota que há ainda alguns lugares vazios. Seriam dos deputados da Alsácia-Lorena? Segundo Lavissee, quando estes estiverem lá, se verá que a custa de mentiras, pranto e sangue se fundou o novo império (LAVISSEE, 1888: 114). Lavissee transmite uma visão muito negativa do Império Alemão; o sangue e o pranto vem das anexações; as mentiras, da construção de uma nacionalidade que agrega povos que não se reconhecem como alemães. Apesar de não aprofundar este ponto, Lavissee aponta para o autorreconhecimento como um dos critérios de identidade nacional.

Partimos agora para a descrição de uma sessão. Lavissee constata que as sessões começam muitas vezes por analisar pedidos de licença. Entende que a deserção é um dos problemas do *Reichstag*. Na sessão que visitou, não havia o número mínimo de deputados para validar a votação (metade mais um) (LAVISSEE, 1888: 115). Observa ainda que a Alemanha não tem homens políticos em número suficiente para garantir bons 382 deputados; além disso, é permitido que se acumulem cargos como deputado no *Reichstag* e nas câmaras da Prússia ou dos pequenos Estados, impossibilitando que compareçam a ambas. Há o desejo de se organizar as assembleias para que não coincidam, mas há muitas dificuldades. Por exemplo: em que época Berlim é mais acessível a todos? Prevaleceu a opinião de Bismarck que o mês de outubro é o melhor para a convocação do *Reichstag*, mas nem todos concordam (LAVISSEE, 1888: 116).

O *Reichstag* era vizinho de outras duas casas políticas em Berlim. Entre os três há uma comunicação telegráfica: "Coube à douta Alemanha encontrar esta aplicação da eletricidade à vida parlamentar" (LAVISSEE, 1888: 116). Percebemos aqui que Lavissee admira a "modernidade" da eletricidade usada a serviço da política, o que atesta que os alemães teriam condições de se desenvolver politicamente. Em contrapartida, havia um problema: Os deputados do *Reichstag* não eram remunerados, o que para Lavissee é um dos motivos que explica o número alto de faltas. Lavissee também afirma que esta resolução vem de Bismarck, que acha que os deputados não pagos trabalham mais rápido, o que o autor contesta, pois a experiência mostra que as sessões parlamentares são bastante longas (LAVISSEE, 1888: 117). A vida em Berlim era cara e os parlamentares que não tinham posses precisavam encontrar

meios para sobreviver. O socialista Bebel, por exemplo, trabalhava na oficina de um confrade em Berlim; mas nem todos podiam fazer como ele, o que resultava no fato de que 18 deputados nunca haviam comparecido ao *Reichstag* desde sua eleição até a visita de Lavissee (LAVISSEE, 1888: 118).

O *Reichstag* prossegue mesmo sem o número mínimo de votantes para não ter o dia perdido. Lavissee descreve uma discussão a respeito de uma proposta de lei: os oradores em geral falam de seus lugares, só recorrem à tribuna quando se querem fazer entender. Geralmente falam pouco e de forma simples. Poucos discursos chegam a meia-hora, e a eloquência falha neste ponto. Aplausos são reservados apenas para grandes circunstâncias e o orador termina seu discurso sem os "*très bien*" comuns na França a quem está falando. Segundo Lavissee os alemães se orgulham da simplicidade de seus debates parlamentares, e para o autor eles têm razão. Mas eles deveriam se ofender com a falta de cerimônia de seus deputados, pois conversam a meia voz durante os discursos, mas a meia voz, devido à dureza do idioma, é muito barulhenta (LAVISSEE, 1888: 119). Notemos que o que incomoda Lavissee não é exatamente a falta de atenção a quem fala, mas o barulho provocado pela pronúncia das palavras alemãs. Poderíamos inferir que uma conversa em voz baixa em francês não provocaria, em Lavissee, o mesmo incômodo.

Uma pequena porta se abre e Bismarck entra em traje militar. Não inspira o mesmo respeito que Moltke, que é quase venerado, mas aborda as pessoas de forma mais familiar. Lavissee se surpreende com a relação entre Bismarck e Simson, presidente do *Reichstag*. Há um profundo respeito entre eles, mesmo já tendo sido adversários políticos. Além disso, notável que Lavissee nutre um profundo respeito pela postura de Simson, mas o tempo todo demonstra não gostar de Bismarck, o que certamente acentua a estranheza de Lavissee à cordialidade entre estes dois políticos. A descrição que Lavissee faz da figura de Bismarck não difere das fotos que hoje conhecemos deste líder (LAVISSEE, 1888: 121); as características do comportamento deste político serão citadas em outro momento.

O debate sobre a imposição da lei alemã sobre Alsácia-Lorena chama a atenção de Lavissee e ele não esconde sua inquietação, como francês, ao presenciá-lo. Observa o sentimento alemão frente a todas as anexações e se surpreende com sua frieza. Um dos deputados resume a questão: os alemães sabem que resolveram anexar territórios cujos habitantes, em maioria, não aceitam o domínio alemão; mas esperam que, com o tempo, mudem de ideia. Lavissee

comenta: "Sua calma me exaspera" (LAVISSE, 1888: 122). Um deputado dinamarquês pede a palavra e expressa seu sentimento e de seus compatriotas pela anexação, prestando solidariedade à Alsácia-Lorena. Os demais deputados protestam, pedindo que se retorne à questão, mas o presidente permite que o deputado expresse "o que está em seu coração". Lavisse constata que a política do rei Guilherme aos anexados é essa: os felicita pela fidelidade que guardam às coisas do passado e agradece à fidelidade futura por sua casa real (LAVISSE, 1888: 123). Aqui podemos notar como, na política alemã, o compromisso nacional não está, a princípio, com uma origem comum, mas com a submissão ao monarca. Ao mesmo tempo temos duas atitudes frente ao passado: se para os alemães a fidelidade ao passado não impede uma nova fidelidade no futuro, o compromisso com a coroa antes do compromisso com uma identidade nacional é algo que, para um republicano como Lavisse, remete ao Antigo Regime e, portanto, a um passado que deveria ser superado. Eis aqui uma tensão importante entre o pensamento político francês e alemão.

Aqui chegamos a uma espécie de conclusão do texto de Lavisse. Ele observa que nenhuma assembleia no mundo trabalha tanto quanto a alemã; esta é composta por homens laboriosos, de grandes qualidades, cujas obras em matéria de Estado poderiam compor uma rica biblioteca. São estimulados pelo patriotismo e pelo desejo de não se equivocar na tentativa de formar o primeiro *Reichstag*. Entretanto, apesar de todas as qualidades e boas intenções, seu trabalho produziu pouco (LAVISSE, 1888: 125). Por quê? Aqui retomamos a questão da correlação de forças que foi deixada em aberto no início do artigo.

Segundo o autor, o problema da Alemanha reside no fato de que o império se resume ao Conselho de Estado, não há um ministério, sendo uma grande máquina cujo mecânico a fez incapaz de um movimento regular (LAVISSE, 1888: 125). Ou seja: para Lavisse, o problema da Alemanha é Bismarck. Neste ponto Lavisse passa a descrever a participação de Bismarck no *Reichstag* quando este toma a palavra: Bismarck não é um orador. Não tem eloquência, nem gesto, nem atitude. Balança de um lado para outro, olha para as unhas ou aperta um lápis quando lhe faltam palavras. Mas o mais estranho é que sua voz é doce. Lavisse sublinha, ao mesmo tempo, a forma como Bismarck soa ofensivo aos deputados de oposição e como estes reagem mal a seu discurso (LAVISSE, 1888: 126). Sabemos de antemão que Lavisse sempre foi um crítico de Bismarck, e neste ponto precisamos nos questionar até que ponto a descrição de Lavisse é contaminada por sua antipatia a este personagem.

Lavisse formula, então, uma pergunta: o *Reichstag* é uma máquina para votar impostos, leis militares, construções e destruir a soberania dos Estados ou um verdadeiro parlamento, contendo, controlando, dirigindo e partilhando o poder? (LAVISSE, 1888: 128). A resposta vem ao descrever Bismarck como alguém que atua para fazer do *Reichstag* um instrumento de sua política, tirando dele o papel de representante do povo e apenas o usando como instrumento para submeter os pequenos Estados (LAVISSE, 1888: 129). Lavisse cita aliados e opositores para mostrar que Bismarck é autoritário, não ouve ninguém, e faz com que o chanceler tenha um poder exagerado. Cita um de seus opositores que o acusa de querer fazer um *Kanzlerreich* (império do chanceler). Todos na Alemanha se perguntam o que será do império quando o chanceler desaparecer. Para os otimistas, a liberdade! Para os pessimistas: "*Après lui le déluge!*" (Depois dele, o dilúvio) (LAVISSE, 1888: 130). Portanto, na mesma medida em que Bismarck é um problema para o império alemão, é também aquele que foi capaz de forjar sua unidade, sendo esta uma incógnita caso este líder deixe o poder.

Bibliografia

- ATTALI, Jacques. *Histoires du temps*. Paris: Fayard, 1982.
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GALISON, Peter. *Os Relógios de Einstein e os Mapas de Poincaré*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KERN, Stephen. *The culture of time and space (1880-1918)*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.
- LAVISSE, Ernest. *Essais sur l'Allemagne Impériale*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1888.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Tradução de Guilherme J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- RABINBACH, Anson. *The human motor: energy, fatigue and the origins of modernity*. Los

Angeles: University of California Press, 1990.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994-97.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial*. In *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol.1.

WHITROW, G. J. *O que é tempo? Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.